

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT06.034

A ALTERIDADE BAKHTINIANA NAS RELAÇÕES ENTRE O NEGRO E O BRANCO NA CINEMATOGRAFIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM “O XADREZ DAS CORES”

Telma Sueli Farias Ferreira¹
Natália Farias de Barros²

RESUMO

A partir da década de 1990, pesquisas no campo da racialidade passaram a direcionar seu olhar investigativo, além do sujeito negro, para a branquitude, trazendo à tona a necessidade do reconhecimento do branco como um sujeito também racializado. No contexto das relações étnico-raciais, a arena discursiva vivenciada pelo negro e pelo branco demarca um campo de batalha que pode resultar em desacordos ou acordos. Em relação ao último tipo de resultado, há uma possibilidade de que haja a presença da alteridade a partir de uma disposição empática do indivíduo branco em direção ao negro. A partir do exposto, sinalizamos que este trabalho busca investigar sobre o movimento exotópico alteritário do sujeito branco na relação dialógica com o sujeito negro, possibilitando uma educação antirracista. A partir do curta-metragem “O Xadrez das Cores”, do diretor Marco Schiavon, analisaremos as interações dialógicas tecidas pelas atrizes Zezeh Barbosa, no papel da “empregada negra” e de Myriam Pires, no papel da “patroa branca”. Epistemologicamente, nos ancoramos principalmente em: Bakhtin (2011; 2017), Brait (2008), Di Camargo (2020), Fiorin (2008), Miotello (2018) e Nascimento (2022) sobre a Teoria Dialógica da Linguagem e em Almeida (2019), Bento (2022), Cardoso (2010) e Schucman (2020) acerca dos estudos da branquitude e do Letramento Racial. Os resultados apontam para o fechamento do circuito exotópico alteritário que sucede na

1 Professora doutoranda (PPGLE/UFCG) do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), amletffs@gmail.com.

2 Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG, natalia.barros@discente.ufg.br.

mudança de postura da personagem branca na relação interacional com a personagem negra.

Palavras-chave: Relações Dialógicas, Alteridade, Branquitude, Educação Antirracista.

IDEIAS INTRODUTÓRIAS

Tomando como fundamento a ideia de que o racismo foi constituído pela branquitude, estudos atuais sobre racialidade buscam desenvolver um trabalho consciencial do sujeito branco para que ele, assim, possa agregar sua participação na luta e na educação antirracista. Nesse sentido, podemos indicar que um dos pontos importantes vinculados à desaprendizagem do racismo diz respeito à empatia, que no viés das ideias do Círculo de Bakhtin aponta para a arquitetura do ato de responsividade do ser-evento, neste caso, o indivíduo branco.

Ancorando nas perspectivas da Teoria Dialógica da Linguagem e do Letramento Racial, esta escrita busca identificar traços de alteridade, por meio do circuito exotópico marcado pelo excedente de visão do sujeito branco para com o negro. Nossa base epistemológica fundamenta-se principalmente em Bakhtin (2011; 2017), Brait (2008), Di Camargo (2020), Fiorin (2008), Miotello (2018) e Nascimento (2022) sobre a Teoria Dialógica da Linguagem e em Almeida (2019), Bento (2022), Cardoso (2010), e Schucman (2020).

Em relação ao *corpus* para análise, trazemos recortes de cenas do curta-metragem “O Xadrez das Cores”, do diretor Marco Schiavon, cuja história remete às relações interativas dialógicas tecidas na arena discursiva pelas atrizes Zezeh Barbosa, no papel de Cida, a empregada negra e de Myriam Pires, protagonizando Estela, a “patroa branca”, no viés do racismo interseccionalizado com gênero e classe. Quanto aos resultados, constatamos a relação entre o Letramento Racial e a ocorrência do movimento exotópico alteritário de Estela para com Cida, resultando numa mudança de postura por parte das duas mulheres: aquela, consciente de seus atos racistas e esta, de seu valor na relação étnico-racial entre negritude e branquitude.

Para uma melhor compreensão deste estudo, nosso trabalho encontra-se dividido nas seguintes partes: (i) esta breve introdução; (ii) percurso epistemológico sobre Letramento Racial e Cinema e Alteridade; (iii) metodologia; (iv) resultados e discussões no viés da análise dos dados e (v) algumas (in)conclusões.

LETRAMENTO RACIAL: POSSIBILIDADES DE AÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A Educação Antirracista (doravante EA) é ponto de partida para diferentes estudos que buscam compreender e discutir a dinâmica das relações étnico-raciais nos mais diversos contextos de interação social, objetivando a realização de atos responsáveis e responsivos, no dizer bakhtiniano, frente às múltiplas situações de discriminação. Neste contexto, o Letramento Racial (LR) surge como uma possibilidade de reconfigurar a realidade do racismo estrutural em nosso país.

O LR tem como base as ideias da psicóloga brasileira Schucman (2015) que, ancorada na perspectiva do *racial literacy* da socióloga afro-estadunidense France W. Twine, buscou investigar sobre as relações interraciais da sociedade paulista em sua pesquisa de doutorado. Ciente do longo percurso necessário para um trabalho de mudança de mentalidade, ou seja, de conscientização acerca das atitudes racistas discriminatórias que perpassam a realidade das relações sociais no nosso país, Schucman (2015, s/p) define essa perspectiva de letramento como sendo “[...] uma forma de responder individualmente às tensões raciais, [e que] busca reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista”. Essa meta de reeducação deriva do fato de que o preconceito racial não é algo inato ao sujeito, mas aprendido a partir da convivência entre as pessoas no contexto sócio-histórico (Gomes, 2005; Schucman, 2015). Nesta perspectiva, na busca de possibilitar o desaprender a ser racista, Schucman (2015) aponta os 5 (cinco) princípios norteadores do LR, quais sejam: (i) o reconhecimento da branquitude; (ii) a atualidade do problema racial; (iii) a aprendizagem das identidades raciais; (iv) a importância da aquisição de um léxico racial e (v) a importância da interpretação dos códigos e práticas raciais.

Em referência ao **primeiro princípio**, o reconhecimento da branquitude, a pesquisadora aponta para a urgência e relevância de que os brancos necessitem compreender que a condição de sua raça lhes proporciona vantagens que serviram e servem para dificultar e impedir o acesso do sujeito negro a todos os espaços de privilégio da sociedade. Neste sentido, a ideia é trabalhar atividades de letramento para que o sujeito branco se conscientize de seu lugar privilegiado, em detrimento do lugar de subalternidade da pessoa negra, e inicie um processo de contramão, de desaprendizagem do racismo, unindo-se aos negros na luta por uma sociedade antirracista. Acerca do **segundo princípio**, a ideo-

logia racista implantada no Brasil desde a “invasão” dos portugueses em 1500, embora com configurações diferentes³, perpetua-se desde então. Mascarada pelo mito da democracia racial, cujas bases se fundamentam na falsa e insustentável ideia de que vivemos uma igualdade racial, até hoje, essa ideologia continua impregnada na nossa consciência de forma muito velada, visto que muitos negros e brancos não se percebem imersos nessa cruel realidade: os primeiros por sofrer racismo e os segundos por não reconhecerem a branquitude. Daí a importância de ampliar discussões, em todos os espaços sociais, para despertar o interesse daqueles que se encontram adormecidos na escuridão da ideologia do racismo estrutural. No dizer de Almeida (2017, s/p), faz-se necessário “[...] desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas.” O **terceiro princípio** diz respeito à ideia de que o sujeito não nasce racista. Ao contrário, por meio das práticas sociais, ele aprende a ser racista no convívio com o outro que (des)qualifica o negro como uma pessoa inferior física, moral e espiritualmente. Sobre a aquisição de um arcabouço linguístico racial, seja lexical ou gramatical, o **quarto princípio** busca possibilitar um conhecimento, para além do senso comum, que alargará as fronteiras das interações dialógicas e permitirá discussões e posicionamentos combativos ao racismo. Acerca dessa questão linguística, incluo aqui o “dizer não” aos vocábulos e expressões que são usadas como forma de racismo. **Por fim**, mas não menos significativo, o LR aponta para a importância de sabermos não só interpretar os sinais e as práticas que envolvem discriminação racial, mas também como combatê-los, visto que a prática antirracista exige uma tomada de decisão e de atitude que afete a realidade de modo cirúrgico.

Com base nos princípios do LR, observa-se a sua importância tanto para o indivíduo branco como para o negro acerca da racialidade e seus impactos na vida do sujeito negro. Sobre o primeiro sujeito, podemos indicar que o reconhecimento da racialidade do branco por ele mesmo pode contribuir para uma possível ruptura do mito da democracia racial, pois, uma vez que a origem do racismo e sua perpetuação derivam da ideologia dominante do sujeito branco, este reconhecimento é um primeiro passo no sentido de se sensibilizar com a causa da educação antirracista na tentativa de uma ruptura com a permanência

3 No início da nossa colonização até as primeiras décadas do século XX, a ideologia racista tinha como base uma justificativa religiosa (os africanos eram escravizados pela herança da descendência de Cam) e científica (as bases das teorias raciais: darwinismo social, eugenia e branqueamento), conforme explicita Brito (2022).

da discriminação racial. E acerca do sujeito negro, conforme referencia Lemos (2022, p. 38):

Deve-se pontuar que vivenciar o racismo não atribui uma capacidade natural ao sujeito racializado de responder criticamente aos ataques racistas; dessa forma, é necessário aprender a ler e a agir de forma contundente ao sofrer com essa realidade. Ou seja, ter a experiência com o racismo não confere automaticamente competência para lidar com ele, ainda mais pensando nas suas mais diferentes formas de manifestação. [...] Assim, o letramento racial pode ser uma importante ferramenta no aprimoramento das percepções sobre as relações raciais e impactar os processos de identidade individual e coletiva atravessados também por outros elementos que interagem entre si, como classe, gênero, sexualidade e território.

Dito de outra forma, não há uma relação direta entre ser discriminado racialmente e saber se defender das e combater as ações racistas. Neste sentido, o LR se apresenta como uma das possibilidades de potencializar o sujeito negro para: (i) o esclarecimento e a conscientização acerca da base da pseudodemocracia racial; (ii) o desenvolvimento da capacidade de identificação de situações preconceituosas e discriminatórias e (iii) a ação de combate frente às discriminações. Cabe aqui pontuar o termo “racismo-consciente” que, cunhado por Twine (2006, p. 881-882), diz respeito à necessidade de identificar, responder e resistir ao racismo diário, enfrentado por crianças negras provindas de casais interraciais. Assim, se incapazes desses três movimentos, depreende-se a ideia de que há ausência da conscientização sobre a racialidade para tais sujeitos.

No contexto da discussão sobre a branquitude, Cardoso (2010) menciona que há uma parcela de pessoas brancas que não são racistas, pois não compactuam com a ideologia do racismo estrutural: a branquitude crítica. A outra parcela defende a ideia de que o sujeito branco é superior aos demais sujeitos, e esse é o grupo representativo da branquitude acrítica. Já Bento (2022) discute sobre essa temática e nos apresenta o termo “pacto da branquitude”. A autora menciona ser “urgente fazer falar o silêncio” (Bento, 2022, p. 24), ou seja, dar voz a quem sempre esteve sofrendo todo tipo de racismo nas sombras, nos becos da sociedade: o negro. Para Bento (*op. cit.*, p. 18) a branquitude criou “um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas” e que ele objetiva perpetuar todos os privilégios alcançados por meio da violência física e psíquica contra os afro-brasileiros. Neste sentido, o pacto da branquitude é

narcísico e busca a autopreservação do branco que compreende seu oposto, o negro, como uma ameaça, visto que se reconhece como sendo a representação do padrão universal do ser humano, tanto física como intelectualmente. Assim, observa-se que pela lógica da branquitude, a normalidade no escopo da nossa sociedade é ter todos os espaços socio-institucionais privilegiados ocupados pelo branco, enquanto que a “ausência de negras e negros [nesses espaços] deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados” (Bento, 2022, p. 19).

O POTENCIAL ARTÍSTICO DO CINEMA: POSSIBILIDADES PARA O CIRCUITO EXOTÓPICO ALTERITÁRIO HUMANO

Di Camargo (2020, p. 16), assevera que “o cinema não era uma das maiores paixões teoricamente declaradas de Mikhail Bakhtin”, entretanto, sua pesquisa de doutorado busca unir as ideias do Círculo de Bakhtin com a linguagem cinematográfica, para esmiuçar os conceitos principais da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) a partir das ideias de Robert Stam. Conforme Di Camargo (2020, p. 20), Bakhtin fortuitamente discorre sobre cinema em seus escritos, entretanto, considerando que “cinema e literatura podem andar de mãos dadas desde os momentos iniciais da arte cinematográfica”, esse pesquisador aponta para uma possível correlação entre a TDL e a linguagem do cinema a partir do viés dos estudos literários do Círculo. Embora os estudos cinematográficos tenham sua origem no estruturalismo, a proposta de pesquisa de Robert Stam, conforme pontua Di Camargo (2020, p. 61), sinaliza para uma desconstrução desta base, visto que a análise da linguagem fílmica tende ao “engessamento das relações, pois o estruturalismo sugeria que focasse a linguagem no autor e a ideologia no sujeito, asfixiando assim um autor que não teria como combater tamanhas estruturas estabelecidas [...]”. Neste sentido, propiciar uma análise da linguagem cinematográfica na vertente da TDL é permitir uma investigação acerca das relações dialógicas existentes na arte cinematográfica.

Segundo Souza e Soares (2020), o cinema é “considerado [...] como artefato cultural, ferramenta de mediação simbólica potencializadora do desenvolvimento humano”. E, embasados nas ideias vigotskianas, esses pesquisadores elucidam que essa mediação não restringe a arte cinematográfica a um simples viés utilitarista, visto que as relações humanas são mediadas por ferramentas e artefatos não só físicos, mas também sociossimbólicos. Nesse sentido, o cinema tem o potencial de projetar a representatividade dos aspectos multifacetados da

nossa vida e os “desejos mais íntimos da alma humana” (Souza e Soares, 2020, p. 24).

Destaco aqui a questão da humanização que, no dizer desse dois estudiosos da sétima arte, remete ao processo de caracterização do sujeito social através de ações medulares do ser humano que envolvem capacidades de: reflexão, aquisição de saberes, relação social, harmonia emocional e cognição sobre beleza e complexidade do observável (Souza e Soares, 2020, p. 26). No escopo da contemporaneidade, para além da representatividade cultural e ideológica, o cinema também viabiliza a percepção do humano; a arte cinematográfica abarca a prática social, possibilitando, assim, que o indivíduo, ao identificar-se com o que está na tela, mantenha “um nível profundo de comunicação intelectual, filosófica, psicológica, emocional, proporcionando reflexões sobre si mesmo e sobre o outro” (Souza e Soares, 2020, p. 28).

Diante do exposto, considera-se que a ideia da consciência humana se relaciona com a alteridade, conceito fundamental nas discussões do Círculo de Bakhtin que aponta para a arquitetônica do ato responsável: eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim. Conforme define Nascimento (2022, p. 17), a alteridade “é o processo de constituição do indivíduo através de sua relação com o outro. Será através do outro que o indivíduo se reconhecerá e se localiza, ou não, em determinada situação enunciativa”. Neste sentido, o eu-para-mim diz respeito a como eu acredito que os outros me percebem. O eu-para-o-outro faz referência ao modo como efetivamente o outro me compreende a partir de seu ser-evento, e o outro-para-mim remete a minha percepção acerca do outro no mundo.

Para o Círculo, os diversos discursos sociais produzidos por sujeitos dialógicos⁴ distintos estão permeados de diferentes valores axiológicos originários de cada arena ideológica, e nesse contexto, em que as interações discursivas possibilitam (des)acordos, a alteridade se faz presente, visto que, o sujeito social, caracterizado por sua finitude e por seu acabamento, só se constitui a partir do outro, ou seja, a identidade do eu subordina-se à existência do outro. Conforme explicita Nascimento (*op. cit.*, p. 18) “as relações de alteridade determinam e fundamentam a identidade do sujeito através de sistemas axiológicos que se

4 Na TDL, entende-se por dialogismo “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (2008, p. 19), e não o mero ato comunicativo realizado durante um diálogo entre dois ou mais sujeitos.

organizam em meio aos fios dialógicos marcados de sentidos”. Parafraseando Miotello (2018), na relação entre alteridade e identidade, uma pessoa não é pesquisadora porque afirma ser, mas porque se relaciona com um sujeito foco da investigação na pesquisa.

Faz-se importante mencionar que a necessidade do outro, para que o eu possa se constituir como um indivíduo, não resulta na fusão identitária entre esses dois sujeitos. Cada um preserva sua identidade, uma vez que o sujeito é um ser-evento-único. Ademais, as relações de alteridade apontam para o ato responsável, visto que o estar no mundo demanda constantemente um posicionamento ativo-responsável-responsivo que se constitui por meio da linguagem, uma vez que é através dela que os sujeitos mantêm interações dialógicas localizadas em um determinado tempo e espaço. Conforme explicita Bakhtin (2017, p. 99, grifos do autor):

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatoria singularidade. É essa afirmação do *meu não-álibi no existir* que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado.

Essa obrigatoriedade, conforme esclarece Paula (2021), diz respeito ao movimento empático, ético e alteritário que engloba tanto a construção do sujeito único, como também sua responsabilidade. Nessa perspectiva, sendo um ser-evento-único responsável por seus atos, o sujeito experiencia e responde a cada acontecimento que lhe é apresentado no mundo das relações discursivas. Sobre tais relações, faz-se importante compreender que, para o Círculo de Bakhtin, a comunicação discursiva realizada pelos sujeitos interlocutores caracteriza-se pela ativa posição responsiva. Fundamentando-se nas ideias bakhtinianas, Xavier (2020, p. 61) aponta para “um dos principais aspectos do enunciado: a possibilidade de responder, de ser uma atitude responsiva. O indivíduo, ao compreender determinado enunciado, ocupa uma posição, uma atitude responsiva em relação a ele”. Tal posicionamento responsivo ativo pode ocorrer de maneira diversa, seja por meio de uma resposta oral ou gestual de discordância, concordância, dúvida, recusa, negação etc, ou através de uma ação, ou seja, da realização de algum ato em resposta ao enunciado do locutor, como exemplifica Bakhtin (2011, p. 272): “uma ordem militar”. O que não existe no âmbito da atitude responsiva ativa é a passividade, pois até o próprio silêncio vincula-se a uma significação axiológica frente ao enunciado proferido. Para

Brait (2008, p. 21, grifos da autora), “O ato “responsável” e participativo resulta de um pensamento não-indiferente”, ou seja, caracterizado pela empatia.

Na atividade de compreensão do eu para o outro, de acordo com a teoria do Círculo, faz-se necessário que haja um deslocamento exotópico, isto é, um movimento de projeção do eu em direção ao outro para que, com suas experiências e do seu lugar sociocultural, o eu consiga enxergar o que o outro vivencia, não em sua totalidade, visto que, como já dito, não ocorre a fusão dos dois sujeitos, nem tão pouco o sair de si para ser o outro, mas numa posição empática de contemplação do outro. Conforme explicita Bakhtin (2011, p. 21):

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...].

Ao movimentar-me em direção ao outro, eu não adentro sua consciência, mas busco compreender sua lógica de vida, seus discursos, os tons emotivo-volitivos que ele experiencia em um determinado cronotopo, através do seu entendimento de mundo, de seus valores e posicionamentos ideológicos, mesmo que discordantes do que me constitui. Essa é a primeira fase do deslocamento exotópico, através da qual ocorre a identificação do eu com o outro, em que busco “adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele o vivencia”, mesmo que haja a ausência de outros elementos que só estão disponíveis para mim, já que ocupo meu lugar singular externo de contemplação (Bakhtin, 2011, p. 24). Todavia, a deslocação exotópica não é uma via de mão única em que apenas ocorre a identificação, ou seja, a compenetração do eu para o outro, pois se assim fosse, caracterizar-se-ia como uma patologia em que o eu se deslocaria apenas para experienciar, ao seu modo, o que o outro tinha vivenciado. Para Bakhtin (*op. cit.*), a identificação pura do eu para com o outro é quase improvável, pois provocaria a destituição do lugar exterior do eu em relação ao outro, o que, além de ser inútil, é também ilógica. Assim, a exotopia permite não só a ida em direção ao mundo do outro para tentar entendê-lo, mas também o retorno a si, dois movimentos que caracterizam o “circuito exotópico” alteritário, conforme esclarece Silva (2022, p. 96).

Então, no regresso, o eu retorna para si impregnado com o conhecimento experiencial alheio: o excedente de visão. Meu movimento de identificação com

o outro possibilita cumprir-se o ato ético mediante a empatia, que me mobiliza em direção a esse outro indivíduo para completar, dar acabamento ao seu horizonte concreto. Já não sou mais a mesma pessoa, pois ao buscar compreender a realidade axiológica alheia pela visão do outro, a experiência de deslocamento exotópico provoca uma alteração em mim. O excedente de visão se caracteriza pela singularidade do meu olhar na posição única que ocupo no mundo, porquanto no cronotopo do deslocamento exotópico, mesmo que haja outros indivíduos, nenhum deles consegue situar-se exatamente no tempo e no espaço em que estou e vivenciar o circuito exotópico da mesma forma que eu, pois somos indivíduos distintos, portanto, insubstituíveis. Nessa compreensão, demarca-se uma via de mão dupla contemplativa, em que o eu se constitui a partir do outro e vice-versa, por isso “não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define” (Amorim, 2023, 96). Assim, é o outro, em seu posicionamento exterior, que consegue apresentar uma imagem acabada da minha pessoa, sendo esse movimento recíproco, outrossim, o acabamento não representa um desfecho de certa final que aprisiona, ao contrário, ele “é um ato [ético] generoso de quem dá de si” (Amorim *op. cit.*, p. 97, grifos da autora).

METODOLOGIA

Os dados a serem analisados originam-se do curta metragem O Xadrez das Cores (vide Imagem 01), lançado em 2004 e dirigido por Marcos Schiavon, tendo como principais atores Anselmo Vasconcellos (sobrinho pardo), Mirian Pires (patroa idosa) e Zezeh Barbosa (empregada de aproximadamente 40 anos). Com duração de 21 minutos e ganhador de 5 prêmios no ano de 2005, a obra cinematográfica retrata a história conflituosa entre duas mulheres: Estela, a patroa branca e Cida, a empregada negra, e abarca duas temáticas, a solidão do idoso e o racismo, sendo esta última o ponto crucial do curta-metragem e foco de análise deste trabalho.

Imagem 01: O Xadrez das Cores



Sobre o contexto socio-histórico, o curta-metragem problematiza a relação dialógica de conflitos e embates entre Estela e Cida, tendo como elementos do cronotopo o ano de 2004, data de lançamento da obra, como marca temporal, e em relação ao lugar, as cenas são filmadas em dois ambientes residenciais, espaços internos das casas das duas mulheres, e também em lugares externos, como o entorno da vizinhança onde Cida mora e uma rua. Ademais, há um destaque para a temática relacionada ao racismo que por sua vez é exposto através da interseccionalidade com classe e gênero, visto ser Cida uma mulher negra que vive na periferia de uma cidade. Para além dessa intersecção, o tema sobre racismo faz conexão com questões humanas acerca da: dor e saudade, em relação à perda de entes queridos pelas duas mulheres; solidão da mulher branca e superação de atos racistas perpetrados por Estela contra Cida.

Para o desenvolvimento da análise, os dados investigados são alguns enunciados dialógicos e recortes de algumas cenas, tendo como aparato epistemológico as ideias do LR e os conceitos de alteridade, exotopia e excedente de visão da TDL

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho objetiva investigar acerca do movimento exotópico alteritário do sujeito branco na relação dialógica com o sujeito negro, possibilitando uma educação antirracista. Para uma melhor compreensão do estudo a seguir, este tópico analítico encontra-se dividido em duas etapas. A primeira direciona

um olhar avaliativo aos enunciados de algumas cenas⁵ travados na arena discursiva entre Estela e Cida, e que traduzem os embates referentes aos atos racistas da patroa e posicionamentos combativos de Cida. A segunda etapa apresenta capturas de cenas que possibilitam investigar acerca do movimento exotópico alteritário.

AS INTERAÇÕES DIALÓGICAS NA ARENA DISCURSIVA: O EMBATE ENTRE O BRANCO E O NEGRO

A história em análise tem início com uma sequência de cenas por meio das quais se consegue identificar, com obviedade, a influência e presença marcante da ideologia da branquitude, em que o sujeito branco trata o negro, neste caso representados por Estela e Cida respectivamente, de forma humilhante, com desconfiança tanto de sua capacidade de executar as atividades domésticas como da sua honestidade, conforme podemos constatar nos enunciados apresentados nas cenas a seguir.

Cena 01: Na sala, Estela e Cida estão se encontrando pela primeira vez.

-Estela (falando para o sobrinho): “Ela é negra [...] você não pode me deixar sozinha aqui com essa crioula [...] vai tentar me bater, me roubar [...] essa negrinha não!”

Cena 02: No quarto de Estela, Cida está arrumando o quarto.

-Estela (batendo levemente em Cida com sua bengala): Oh negrinha, olha, eu não quero ver você mexendo nessas gavetas, viu? Tem muitas coisas de valor aí dentro, não quero ver você me roubando nada, heim?

Cena 03: Na cozinha, Cida está preparando uma refeição.

-Estela (batendo levemente em Cida com sua bengala): Negrinha, vê se não queima minha comida, tá? Eu não quero ver você levando nada pra casa não, heim?

Cena 04: Na varanda, Cida está em cima de um banco, perto da sacada, cuidando das plantas.

-Estela (batendo levemente em Cida com sua bengala): Negrinha, cuidado pra não cair, heim!

-Cida: Preocupada comigo, D. Estela?

-Estela: Não, é que tem muito carro importado lá embaixo, vai causar o maior estrago.

5 A enumeração das cenas neste trabalho serve apenas para uma organização cronológica da sequência dos acontecimentos a serem analisados, mas não condiz com o quantitativo de cenas do curta-metragem.

A cada momento de interlocução, em que Estela é a locutora e Cida sua interlocutora, a empregada não verbaliza nenhum enunciado, entretanto, por suas expressões faciais, constatamos que há uma negação de tudo que é proferido por sua patroa branca o que caracteriza uma atitude responsiva silenciosa. Na história, há uma desconfiança constante de Estela para com qualquer atividade desenvolvida por Cida, e em destaque para a ação de “roubar”. É através deste posicionamento racista que se desvela a compreensão da branquitude para com o sujeito negro: aquele que é destituído de posses materiais, portanto sempre apto ao roubo. É nesta arena discursiva em que Cida constrói posicionamentos contrários ao que lhe é apresentado.

Na continuidade da história, com base na Cena 05, observa-se a presença do racismo-consciente (Twine, 2006), visto que Cida não só identifica, mas também passa a responder e a resistir aos enunciados racistas de Estela, isto é, observa-se não mais uma atitude responsiva ativa silenciosa por parte da mulher negra. Cida passa a oralizar, de forma contundente, seus pontos de vista na arena discursiva do embate; ela deixa claro, por meio de enunciados argumentativos, que discorda plenamente dos atos racistas de Estela. Esta nova fase da relação dialógica entre as duas personagens corrobora o que Bento (2022) sugere como dar voz a quem permanece em silêncio. Na referida cena, Estela se aproxima de Cida e ao vê-la em oração, verbaliza suas ideias racistas.

Cena 05: *No quarto, Cida rezando para uma santa preta⁶.*

-Estela (gargalhando): Uma nêga miserável rezando pra uma santa negra. (Gargalhando) É por isso que não dá nada certo. Vê se você reza pra uma santa branca (risos), De preta já basta você (risos).

-Cida: Santa é santa, D. Estela, não tem cor. Foi por isso que Nossa Senhora apareceu com a cor negra pras pessoas. Pra mostrar que a cor não faz diferença. Quem sabe Jesus Cristo num era assim: preto que nem eu.

-Estela: Você tá louca negrinha! Jesus Cristo era loirinho, de olho claro que nem eu.

Nessa cena, o discurso dialógico de Estela reverbera uma das características do pacto da branquitude: o narcisismo (Bento, 2022). No escopo da religiosidade, o padrão de beleza do sujeito branco, conforme crê a patroa, deve prevalecer como modelo estético uma vez que, tanto os santos como o próprio

⁶ Embora no curta-metragem o nome da santa não seja proferido, a imagem remete à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil.

Jesus têm fenótipos exclusivamente característicos da branquitude. Cida, por sua vez rompe seu silêncio e, conforme um dos princípios do LR, além de identificar e interpretar sinais e práticas raciais, ela também apresenta sua atitude responsiva ativa oralizada por meio de um posicionamento argumentativo, apontando para Estela o motivo da santa ser de sua cor, ou seja, preta e a possibilidade de Jesus ser negro.

Neste jogo de embate ideológico, um fato muito relevante contribuiu para promover ainda mais o empoderamento de Cida frente às ações preconceituosas e racistas de Estela: a mulher negra passa a se interessar em aprender a jogar xadrez. Sua curiosidade acerca do xadrez que Estela sempre joga sozinha, a move para uma nova experiência, mesmo que para isso ela esteja sempre no embate da relação dialógica conflituosa com sua patroa racista, que sempre encontra uma forma de humilhá-la, conforme constatamos na descrição da Cena 06 a seguir.

Cena 06: *Na sala, Cida negocia com Estela: aquela fornece a ceda, esta a ensinará a jogar xadrez.*

-Estela: Olha, presta atenção, negrinha que eu só vou te explicar uma vez, heim? O objetivo desse jogo é tomar o rei do adversário que é a peça principal. As peças que valem menos são essas aqui, os peões (pegando um peão preto). Peão é a mesma coisa que empregada doméstica, não vale nada. E tem as peças brancas que nem eu, e as peças pretas, que nem você. Eu só jogo com as peças brancas que são as que iniciam o jogo. Esse jogo é muito inteligente, porque os brancos têm sempre que estar na frente dos negros (risos).

Cida (pensando): D. Estela não queria me ensinar a jogar xadrez de verdade. Ela só queria ter uma vítima preta, pra poder mostrar sua superioridade. Ela adorava jogar as peças pretas que ela comia no lixo, só pra mostrar seu desprezo pelos negros.

Durante todo o movimento de interlocução entre as duas mulheres, o termo “negrinha” é sempre um substituto do nome de Cida no enunciado da patroa branca, inclusive, em nenhum momento do curta-metragem ouve-se Elisa dirigir-se a Cida por seu nome. Ademais, conforme Schucman (2015), o LR é uma maneira de responder individualmente aos embates raciais na tentativa de executar o ato responsável e responsivo de reeducação do eu e do outro no viés do antirracismo. Na comparação do peão com a empregada doméstica e na satisfação de descartar as peças pretas no lixo, Estela mantém uma distância considerável da alteridade. Sem nenhuma pretensão de qualquer ato empático

para com Cida, ao mencionar que “os brancos têm sempre que estar na frente dos negros”, a patroa representa a branquitude que, por meio da violência psíquica, contribui para a manutenção dos privilégios do branco, e compreende o outro que lhe é diferente, o negro, como ameaça (Bento, 2022).

A tentativa de Cida em aprender o jogo com sua patroa branca é frustrante, visto que o interesse de Estela não ultrapassa o prazer de vencê-la e humilhá-la. E ao notar isso, Cida toma uma decisão significativa que lhe conduz a uma outra perspectiva de relação com sua patroa, qual seja: investir na aquisição de um jogo de xadrez e aprender por si só, conforme podemos constatar na Cena 07.

Cena 07: *Em sua residência, Cida estuda o xadrez.*

-Cida (refletindo): Naquela manhã com a D. Estela, eu descobri que a gente não era tão diferente assim. No livro de xadrez, eu tinha lido que quando um peão chega na última casa do tabuleiro, ele pode se transformar em qualquer peça que já tenha saído do jogo, inclusive numa rainha. Foi aí que eu percebi que apesar de eu ter nascido peão, eu não precisava ser peão a vida toda.

Ao refletir que “Naquela manhã [...], eu descobri que a gente não era tão diferente assim”, Cida relembra, em um momento de tristeza da patroa, que ela lhe falou não só sobre a saudade que sentia do esposo falecido, mas também a melancolia e o arrependimento por ter abortado um filho a pedido do marido. Neste momento de intimida sentimental, Cida revela para Estela que também sente a perda do filho assassinado por bala perdida no entorno de sua residência.

Ademais, a partir das suas elucubrações, Cida principia uma comparação entre a função e as possibilidades de jogadas de cada peça do jogo e os sujeitos sociais, o preto e o branco. A mulher negra humilhada pela patroa branca e comparada a um peão de xadrez, aparentemente sem valor, apreende que a posição de privilégio da branquitude pode passar a ser do sujeito negro racializado. Essa constatação conduz Cida a uma percepção diferente da situação de discriminação racial que experencia na casa da patroa e assim, entre a necessidade do trabalho e sua dignidade, ela opta pela segunda conforme a seguinte cena.

Cena 08: *na sala, Cida se despede de Estela.*

-Estela (ao ver Cida de pé, em sua frente, com a bolsa debaixo do braço): O que significa isso?

-Cida: Vou embora!

-Estela: Cê tá louca crioula! Você precisa desse dinheiro.

-Cida: Mais do que dinheiro, D. Estela, eu preciso de dignidade. No xadrez como na vida da gente, as peças pretas valem tanto quanto as peças brancas. Tome (coloca a santa no centro da sala), pra senhora. Quem sabe se a senhora não rezar pra ela, ela não te ajuda. (Estela coloca a santa no lixo).

Com base na análise dos posicionamentos enunciativos entre Estela e Cida, que demarcam claramente a arena discursiva de embates entre o posicionamento ideológico racista da branquitude e intervenção combativa da negritude por meio do LR, passemos para a segunda etapa de nossa análise, que busca identificar algum indício de alteridade de Estela para com Cida.

O TRAÇO DE ALTERIDADE DA PATROA BRANCA

Segundo explicita Souza e Soares (2020, p. 24), o cinema consegue projetar a representatividade dos múltiplos aspectos da nossa vida, inclusive “os desejos mais íntimos da alma humana”. No que se refere à humanização, ela remete ao processo de caracterização do indivíduo via ações que englobam reflexão, aquisição de conhecimento, dentre outras. É possível visualizar essas duas atividades nas cenas a seguir que, com exceção da última, temos Estela como personagem principal. Com base nas capturas das referidas cenas, busca-se identificar a presença ou não da alteridade no percurso axiológico-reflexivo de Estela.

Retomando a história investigada, após a saída de Cida da casa de Estela, seu sobrinho contrata uma segunda empregada, que não lhe dá a devida atenção, e em sua solidão, Estela inicia uma reflexão sobre sua relação com Cida. Inicialmente, com base na sequência de imagens capturadas no exato momento em que ela se vê diante da desatenção da nova empregada para com os cuidados com sua medicação (vide Imagem 01), o que não ocorria quando Cida trabalhava para ela, percebe-se sequencialmente um olhar de espanto, tristeza e indignação direcionado à empregada, o que nos remete à possibilidade de Estela estar axiologicamente comparando as duas empregadas: Cida é benevolente, característica nula na atual relação entre a segunda empregada e sua patroa.

Imagem 02: Capturas da Cena 09



Tomando como base a compreensão de que alteridade “é o processo de constituição do indivíduo através de sua relação com o outro” (Nascimento, 2022, p. 17), isto é, faz-se necessário que haja um envolvimento entre o eu e o outro para que a ação alteritária empática se concretize, é plausível indicar que o espanto, a tristeza e a indignação de Estela sinalizam para um indício do movimento exotópico, visto que sua expressão reflexiva aponta para um posicionamento axiológico nostálgico, pela ausência de Cida, e isso exige de Estela seu ato responsivo e responsável caracterizado pelo remorso por saber-se culpada do afastamento da empregada negra.

Na sequência dos acontecimentos, o sobrinho de Estela pede a Cida para voltar ao trabalho, alegando que tanto sua tia quanto ele querem seu retorno. Todavia, Cida sinaliza que pode retomar suas atividades sob uma condição: o arrependimento de Estela pelos maus tratos de racismo que lhe causou. O sobrinho retorna à casa da tia, lhe repassa a mensagem e lhe entrega algumas acerolas doadas por Cida. A partir de então, o espectador assiste à cena em que Estela encontra-se sozinha em casa. A sequência das ações (vide Imagem 02) desvela um encadeamento de reflexões que propicia a constatação do desenvolvimento do movimento exotópico alteritário da mulher branca.

Imagem 03: Capturas da Cena 10



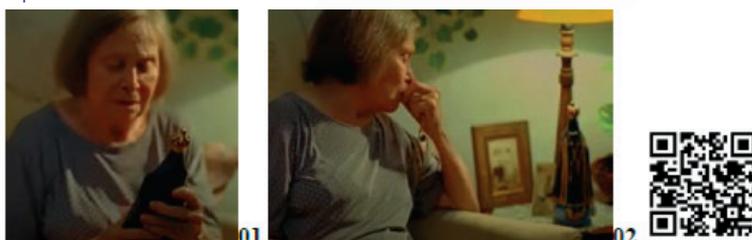
Em um primeiro momento, Estela olha para as acerolas e na sequência, ela relembra o jogo de xadrez: antes, representado por ela e Cida (vide Imagem 01),

mas que agora só ela aparece, como sendo a única peça do jogo. Com base nesses dois recortes, observa-se a necessidade do outro para constituir o eu, pois este só não existe. Aqui podemos fazer uma comparação entre os sujeitos sociais e as peças do xadrez que sem seu oposto o jogo não acontece. Ademais, o não-álibi no existir convoca Estela para a compreensão do eu-para-o-outro: a necessidade de compreender a disponibilidade de Cida para lhe ofertar acerola e lhe fazer companhia no xadrez, mesmo diante dos insultos racistas proferidos contra sua pessoa.

Na sucessão dos acontecimentos, ainda em estado reflexivo, Estela passa a colocar as peças pretas do jogo no lixo, local onde também se encontra a santa negra que lhe foi presenteada por Cida. Entretanto, em um dado momento, ela começa a colocar as peças brancas no lixo também, o que suscita a ideia da arquitetônica alteritária do eu-para-o-outro; de que não mais importa a cor, ou seja, tanto ela quanto Cida podem estar ocupando o mesmo espaço-dialógico e vivenciando, cada qual a seu modo, os desafios da vida: ela pela solidão, Cida pela necessidade do trabalho e ambas pela perda de entes queridos. Todavia, em um instante específico, ela passa a recolocar todas as peças no tabuleiro, tanto as brancas quanto as pretas. O ato de compreensão exige o movimento exotópico de deslocamento do eu até o outro. Por meio de suas próprias experiências e do seu lugar social de privilégio da branquitude, Estela se lança até a empregada negra, buscando compreender o que Cida experiencia, num posicionamento empático contemplativo do outro que lhe constitui como mulher branca.

Na sequência, como podemos averiguar na Imagem 03, a santa, que também foi retirada do lixo, é admirada por Estela que, após um momento breve de reflexão, a posiciona em sua mesa de apoio ao lado da foto do seu falecido esposo.

Imagem 04: Capturas da Cena 11



Com o rosário na mão, ela parece rememorar o conselho que Cida lhe deu antes de partir: “Quem sabe se a senhora não reza pra ela, ela não te ajuda”. Na exotopia, exclui-se a coincidência dos horizontes concretos de cada sujeito (Bakhtin, 2011) e a possibilidade de se adentrar na consciência do outro; há uma busca da compreensão sobre a vida do outro que nos constitui. A partir dessa filosofia de vida, podemos sugerir a possibilidade de que Estela, por vivenciar sua saudade de Cida, parece compreender a humilhação por ela sofrida, e por isso ora por sua volta, pedindo ajuda à santa negra.

A última cena do curta-metragem retrata o reencontro das duas mulheres, quando Cida volta a trabalhar para Estela e esse retorno sinaliza para o excedente de visão, conforme podemos constatar na imagem a seguir.

Imagem 05: Capturas da Cena 12



Pelo acordo feito do retorno de Cida sob a condição do arrependimento de Estela, a empregada negra não ocupa mais uma posição subalterna na relação patroa branca-empregada negra. Observa-se que ao propor uma partida de xadrez, a própria Cida escolhe jogar com as peças brancas. Ao tomar essa iniciativa, visto ser através dela que Cida procura confirmar se o arrependimento se cristalizou, Estela lança um olhar para a empregada, não mais aquele que julgava e humilhava, ao contrário concordando contemplativamente, e que lhe é retribuído com o olhar e o sorriso de Cida. Para além deste cruzar de olhos, Estela corrobora o posicionamento de arrependimento ao, deliberadamente, tocar na mão de Cida, fato contrário ao que ela costumava fazer com a bengala, enquanto Cida realizava as atividades domésticas (vide Cenas 2, 3, 4).

A partir do que se observa nas imagens da cena 11, pode-se identificar, mais uma vez, a presença do movimento exotópico alteritário por parte de Estela. É mediante seu semblante complacente, que se reconhece a presença do excedente de visão; é o conhecimento sobre o outro, no caso Cida, que faz Estela não ser mais a mesma ao retornar do deslocamento exotópico. Estabelece-se o ato ético responsável e responsivo por meio da empatia e Estela já não representa um sujeito que pertence exclusivamente à branquitude, visto que parece

compreender a realidade axiológica de Cida, a empregada negra; a experiência do deslocamento exotópico alteritário causou uma alteração em Estela.

Diante do exposto, observa-se a relevância do LR por pessoas negras para que possa provocar posicionamentos alteritários por parte da branquitude, e assim contribuir com uma educação antirracista. Além disso, tendo como base o terceiro princípio desta teoria, que assevera que o racismo não é inato, podemos supor que o empoderamento de Cida contribuiu de forma clara e categórica com o desaprender a ser racista de Estela.

(IN)CONCLUSÃO DE ALGUMAS IDEIAS

A partir do curta metragem *O Xadrez das Cores*, este trabalho buscou investigar acerca do movimento exotópico alteritário do branco com o negro na arena dialógica discursiva, suscitando uma possível educação antirracista para a branquitude.

As cenas analisadas, ora através dos enunciados proferidos por Estela, a patroa branca, ora por Cida, a empregada negra, juntamente com os recortes de algumas cenas apresentados por meio de capturas de tela, desvelaram que a convivência entre as personagens possibilitou a concretização do movimento alteritário empático. O reconhecimento por Cida de que Estela era racista e sua atitude responsiva ativa para os enunciados axiologicamente demarcados por humilhação, reverberaram em seu interesse na busca por expandir seus conhecimentos, por meio da aprendizagem do jogo de xadrez.

Ao ser comparada com a peça do peão no referido jogo, por ser a empregada negra, sujeito de menor valor assim considerado por Estela, Cida aprende que este mesmo peão, ao alcançar a última casa do tabuleiro do oponente pode se transformar em qualquer peça já descartada do jogo, inclusive na rainha. Diante dessa possibilidade, Cida faz uma referência com a vida social, especificamente a vida do negro, fato que lhe propicia uma tomada de postura combativa antirracista diante dos enunciados e atos racistas de sua patroa branca. É este posicionamento de Cida que desencadeia reflexões em Estela e provoca uma transformação de postura o movimento alteritário

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, Beth. (org.). 2 ed. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011.
- _____. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BRITO, Fausto. **O Racismo na História do Brasil: as ideologias de desigualdades raciais na formação da sociedade brasileira**. Jundiaí, S.P.: Paco, 2022.
- CARDOSO, Lourenço. Retrato do Branco Racista e Anti-Racista. **Reflexão e Ação**. v. 18, p. 46-76, 2010.
- DI CAMARGO, Ivo Júnior. **Mikhail Bakhtin na Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- GOMES, Neuma Lino. 2005. **Termos e Conceitos Presentes do Debate sobre Ralações Raciais no Brasil: uma breve discussão**. <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>
- LEMOS, André Luiz do Carmo Barbosa. **Letramento Histórico e Racial: as relações entre cultura histórica, aprendizagem histórica e identidade racial**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.
- MOITELLO, Valdemir. **Bakhtin e o Lugar da Linguagem na Psicologia**. São Carlos: João e Pedro Editores, 2018.

NASCIMENTO, Joseph Bezerra do. **Alteridade**. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. (orgs.). **Diálogos em Verbetes**: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem. São Carlos: João & Pedro Editores, 2022, p. 17-21.

O XADREZ as cores. Direção de Marcos Schiavon. Rio de Janeiro: O2 Filmes, 2004 (22 min).

PAULA, Luciane de. Curso Análise Dialógica do Discurso - Aula 6. Lugar, 27 jan. 2021. **O Tempo-Espaço Discursivo**: cronotopia e exotopia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=atPK__7EYN4&t=4658s. Acesso em 24 jun. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e “Branquitude” na Sociedade Brasileira**. Entrevista. Revista IHU, 09 fev. 2015 Fonte: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/539722-racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira-entrevista-com-lia-vainer-schucma>. Acesso em 30 abr. 2024.

SILVA, Juan dos Santos. Exotopia. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. (orgs.). **Diálogos em Verbetes**: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem. São Carlos: João & Pedro Editores, 2022, p. 95-99.

SOUZA, Fábio Marques de; SOARES, Maxwell Barboza. **Confluências entre Cinema e Ensino**: reflexões mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro e Paulo Freire. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

TWINE, France Winddance. A White Side of Black Britain: the concept of racial literacy. **Ethnic Racial Studies**, 27:6, 2004, p. 878-907.

XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em Perspectiva Dialógico-Discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020.